

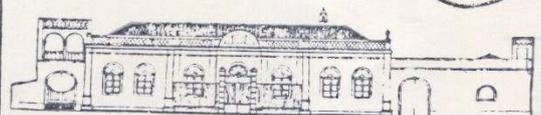
Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Bordadeiras de Papel

Frederico Carvalho

Assunto: Bordados

Expresso, 06.04.1991



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 1464

Cota n.º 5-4
15-5
15-3

Bordadeiras de papel

Frederico Carvalho

É DE OUTRA espécie de renda o novo caprichoso que lhes sai das mãos: papel bordado a golpes de tesoura, um fio apenas ligando as figuras imaginadas, separando luzes e sombras. «Isto nasce de nós, não se ensina», dizem da sua arte Joana e Joaquina Simões, assim explicando tudo sem chegarem a explicar o mistério do papel recortado como filigrana.

Há em Pavia, no coração do Alto Alentejo, uma tranquilidade propícia à minúcia das artesãs. Numa rua de paredes caiadas, onde o volume das chaminés se impõe no traçado das fachadas, as duas irmãs aproveitam a luz sentadas junto à janela, ao ritmo das estações, sem deixarem fugir o pensamento da folha branca onde, previamente, desenharam a rota das tesouras. Depois de uma vida passada a ensinar por outras terras do Alentejo, foi na casa onde nasceram que Joana, de 79 anos, e Joaquina, quatro anos mais nova, encontraram tempo e paz para o seu ofício de tecedeiras do papel.

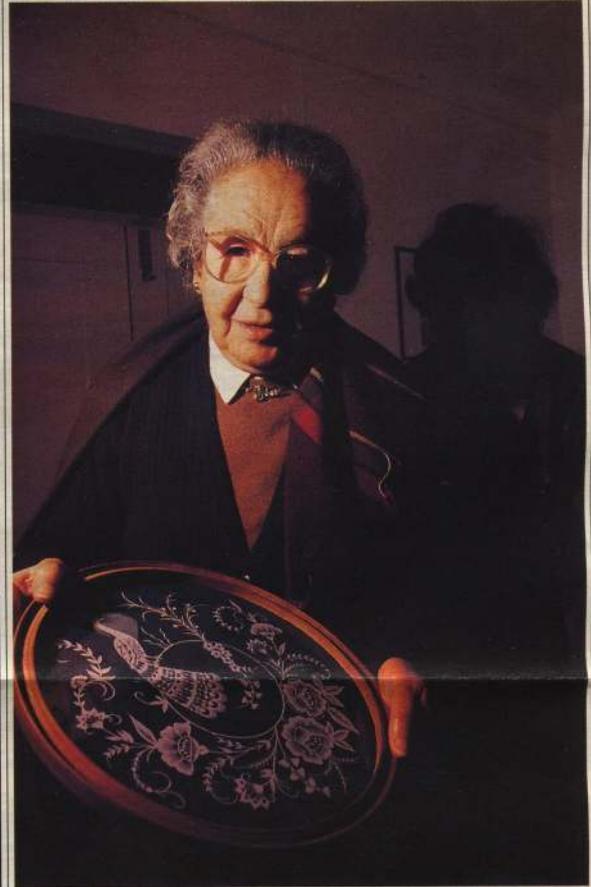
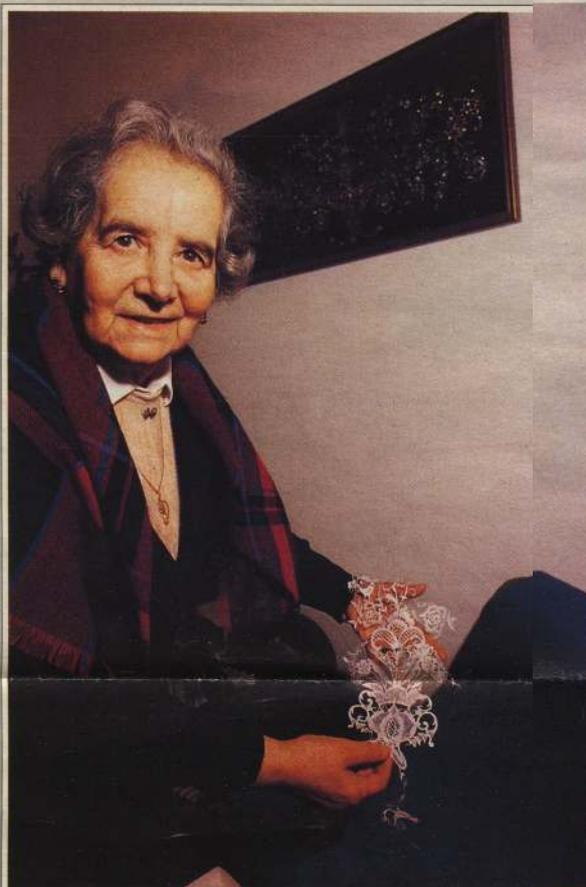
«É um trabalho que requer um grande sossego de espírito», confirmam. E por isso comparam a calma da sua vida de reformadas, numa casa onde vivem quatro mulheres, à quietude de que desfrutavam as monjas nos conventos onde, há muitos séculos, teve origem conhecida a arte do papel recortado destinado a decorar a doçaria.

Não se recordam de ninguém na família com habilidade semelhante — nem sequer nos ranchos de mulheres que, na fábrica de conservas de fruta de Elvas, antes da mecanização, recortavam os papéis que forravam as latas. Foi outra coisa, que não saber herdado, o que as inspirou quando, em 1979, em Évora, depararam com uma exposição dos antigos naperons das freiras.

Desde então, destas mãos de dedos miúdos saem pavões, borboletas e ceifeiras, o sol, as espigas e as nuvens, pássaros e flores. Paisagens de geometrias rendilhadas revelam-se quando, findo o recorte, o papel passado a ferro repousa sobre uma folha colorida: «Só ficamos mais aliviadas quando o prendemos no vidro e já aquele emaranhado assentou». Não se conhecem, no país, muitos exemplos de obra semelhante, em que raízes e formas do artesanato popular se combinam com uma inspiração em motivos ornamentais de concepção erudita.

Muito distantes, na elaboração, do papel recortado de desenho largo habitualmente utilizado para decorar cozinhas, despensas e castiçais, alguns dos trabalhos de Joana e Joaquina — «com caracolinhas que demoram muito» — levam mais de 20 horas a concluir, ao ritmo de cinco horas diárias, duas de manhã e três à tarde, porque nesta arte a luz não pode faltar ao olhar.

Geralmente, cada uma das irmãs cria os seus desenhos, primeiro numa folha à parte, de onde serão copiados tantas vezes quanto as necessárias para o papel destinado ao recorte — papel branco de tipografia, porque noutro mais fino, como o papel de seda, «o corte não fica tão esclarecido».



Joaquina e Joana Simões, artesãs do papel recortado, dão novas formas a uma arte que nasceu na quietude dos conventos

Chega então a altura de meter a tesoura no desenho, «o trabalho mais descansado» e que maior prazer lhes dá, porque, como diz Joana, «vai-se criando, as coisas vão aparecendo no contraste entre um traçado e outro». Nesta fase é repartida a obra, porque os olhos de Joana já não são o que foram e, depois do primeiro recorte, há que apurar pormenores preciosos que reclamam «uma grande delicadeza e grande firmeza de mãos», para as quais se encontra mais apta Joaquina.

Surgem então, com um requinte que a experiência continua a aperfeiçoar, as sugestões de sombreados, relevos e outras minúcias que elas reivindicam como marca feminina, porque os homens «não têm aquela leveza de mãos, talvez». Justificam a severidade do juízo com a inaptidão masculina para os bordados, e é também às rendas e bordados que recorrem quando tentam explicar as formas que utilizam: o «ponto matiz» ou o «crivo» podem, afinal, fazer-se sem fio e agulha.

Alisada a criação com ferro quente, falta ainda emoldurar, com madeiras e vidros que mandam fazer em Évora. Tudo acabado, depois de feitas contas às horas passadas e ao gosto que tiveram, Joana e Joaqui-

na dizem que é «mais um passatempo que uma arte» e confessam: «Não temos um grande desejo de vender». Guardam para si alguns trabalhos que reconhecem não serem capazes de voltar a reproduzir; são os que não têm preço.

Os outros vendem-nos, pedem dez ou onze contos por obra apurada, podendo as maiores, já montadas e com vidro, chegar aos quatorze contos. Recebem encomendas em exposições e, porque a sua fama já correu, chegam a ir pessoas a Pavia com pedidos, até do Porto já lá foram. Por pudor e consideração para com o comprador, recusam-se a revelar quanto receberam, há meses, pelos 16 naperons que sustentaram discretamente a doçaria numa recepção ao primeiro-ministro e comitiva, oferecida pelo proprietário da Pousada de Estremoz, um admirador da arte das irmãs Simões: «Não era coisa com muito pormenor, porque se fosse tinha-lhe saído muito mais caro».

Inseparável do artesanato é a sua ferramenta, e no caso de Joana e Joaquina são doze as tesouras que utilizam, umas de bico recurvado, outras para cortar a direito, distinguindo-se três delas por terem sido fabricadas na China. «Desde que estejam bem

afiadinhas é suficiente para podermos disparar como quisermos, como dizem os homens que vêm aí arranjá-las». Não se lembram de ter estragado um trabalho, mesmo quando cortam um bocadinho a mais conseguem emendar com jeito. Mas há ocasiões em que falha a harmonia entre a imaginação e a lâmina: «As vezes queremos firmar o corte e elas não querem trabalhar».

Em boa verdade, as irmãs de Pavia, que só por insistência de familiares e amigos são arrastadas para exposições em feiras e até em galerias, são vaidosas do seu trabalho. Confessam não confiar muito na capacidade de estranhos para dominar as suas tesouras, que mostram a quem quiser ver, despidas de mistério aparente. Ou talvez o segredo esteja noutra ferramenta, aquelas «tesouras de vento» só visíveis nos momentos recatados da criação, de que fala António Simões, um professor de Estremoz, num texto que costuma acompanhar as duas irmãs às suas exposições.

Joana e Joaquina sorriem, não desdenham a explicação. «Temos de dar asas à imaginação», dizem, rodeadas de bichos, e flores, e labirintos em papel rendilhado.